

# Professores dão o rumo para melhorar educação

Professores e diretores das escolas municipais do Rio estão cada vez mais decididos a arregaçar as mangas e trabalhar para melhorar a qualidade do ensino em seus redutos. O projeto *Experiências Bem Sucidadas*, criado pela Secretaria Municipal de Educação em 1984, suspenso até o ano passado e reeditado este ano, para que os docentes divulguem o que estão fazendo, é uma mostra de que alguns professores vêm percebendo a urgência de se modificar o negro panorama da educação.

Oitenta e três trabalhos foram inscritos e, destes, dez selecionados pela secretaria para serem apresentados pelos autores aos colegas da rede municipal em dois encontros, nos dias 20 e 21 deste mês.

Há quatro anos, a Escola Municipal Bento Ribeiro, no Méier, com alunos de orfanatos e da favela da Cachoeirinha, vem melhorando o rendimento de 5ª a 8ª série. O diretor, Antônio Simão, conseguiu que a escola funcionasse em tempo integral duas vezes por semana, oferecendo, no horário extra, estudo dirigido — o aluno recebe atenção especial do professor nas disciplinas em que tem mais dificuldade —, além de clubes de leitura e redação, de ciências e de criatividade.

Em 1986, dos 260 alunos da 5ª série, 158 foram reprovados. No primeiro ano, após o novo tipo de atendimento, o número baixou para 78. “O mais difícil foi conseguir prender alunos dessa idade na escola o dia inteiro”, conta o professor Simão. “Foram quatro anos de luta”, diz ele, que se orgulha agora de vê-los buscando, por conta própria, as aulas na parte da tarde, quando não estão bem em alguma disciplina.

Segundo Simão, qualquer escola municipal que tenha projeto bem elaborado de mudanças pedagógicas pode requerer à Secretaria de Educação mais professores para levar adiante o trabalho e pedir carga horária maior. “Isso dependerá do esforço do diretor”, alerta.

Também para a mesma faixa de ensino, a professora Alair Mendes Dutra, da Escola Municipal Presidente Artur Costa e Silva, em Botafogo, que atende à população do Morro Azul, propôs a aplicação de artes cênicas — disciplina que consta do currículo obrigatório de 5ª a 8ª série, mas nem sempre conta com professores dispo-

níveis — à comunicação e expressão, no desenvolvimento da escrita dos alunos. Depois de encenarem no palco diversas histórias, os alunos partem para escrever os diálogos. “É mais fácil escrever a partir da emoção do teatro”, diz Alair.

Lidando com alunos de 5ª série que, no início deste ano, não conseguiam formular frases e separar sílabas, os professores da escola já começam a sentir maior domínio não só sobre o Português como sobre as línguas estrangeiras. “Os alunos estão descobrindo as semelhanças e diferenças entre o português e o francês”, conta a professora. Coordenadora de comunicação e expressão da escola, Alair propôs este ano um trabalho conjunto com todas as disciplinas da área, como Música e Artes Plásticas. O trabalho culminará, no fim do ano, com a montagem de uma peça.

Outro trabalho para motivar leitura e escrita está surtindo efeito na Escola Municipal Luis da Câmara Cascudo, em Realengo, Zona Oeste, com o projeto *Como escrever sem medo de errar*, iniciado ano passado com as turmas de 1ª série. De uma turma de cerca de 30 alunos, onde havia repetentes com até doze anos de idade, todos foram aprovados para a 2ª série. O trabalho é feito em três etapas. Primeiro, contam e ouvem experiências do cotidiano, exercitando sua expressão. A seguir, partem para leitura e escrita. Mesmo que não saibam ler e escrever *convencionalmente*, vale, por exemplo, que elas *leiam* a partir da gravura ao lado do texto, ou façam o movimento da escrita, sem formar palavras.

Numa terceira etapa, as crianças partem para o uso da língua, já obedecendo às regras gramaticais. “Elas usam a língua, para depois incorporarem as regras”, explica Elizete, Barbosa, uma das responsáveis pelo trabalho. “Meus alunos escrevem demais”, testemunha. “Eles mesmos propõem exercícios, como a confecção de jornais e a criação de poesias. Além disso, evoluíram no vocabulário e na ortografia”, diz Elizete, professora há oito anos, que pretende largar o magistério. “Enquanto estiver lidando com educação, vou fazer o melhor possível, mas não pretendo ficar muito tempo por causa do salário”, lamenta.